HVMANITAS

[Recensão a] González Rolán, Tomás; Suárez-Somonte, Pilar Saquero; Caerols Pérez, José - Ars moriendi: el ars moriendi en sus versiones latina, castellana y catalana

Autor(es): Dias, Paula Barata

Publicado por: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/23260>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718_62_32

Accessed : 26-Apr-2023 11:29:21

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

humanitas

Vol. LXII
2010

de outros mais frívolos, que guardariam estas pequenas histórias, muitas delas com alguma base factual, mas adulteradas pelo tempo e pelo menor cuidado na confirmação dos dados.

Em suma, se há um denominador comum neste conjunto breve de reflexões proposto nesta conferência, pode ser resumido nesta ideia fundamental: há uma enorme flexibilidade no conjunto de textos a que podemos chamar de natureza biográfica, de tal modo que apenas bastante tarde lhes podemos conferir alguma coerência enquanto (sub)género literário específico. Deste modo, olhar para a biografia numa perspectiva estritamente formal é negligenciar o mais importante. Quer pela brevidade do texto, que não permite um desenvolvimento minimamente aprofundado da argumentação, quer pela sua data e pelo facto de ser superado por obras posteriores do autor, não pode dizer-se que este opúsculo mereça particular interesse, a não ser, naturalmente, pelo seu estatuto de curiosidade bibliográfica.

JORGE DESERTO

GONZÁLEZ ROLÁN, Tomás, SAQUERO SUÀREZ-SOMONTE, Pilar, CAEROLS PÉREZ, José, *Ars Moriendi. El Ars Moriendi en sus versiones latina, castellana y catalana*, introducción, edición crítica y estudio, Ediciones Clásicas S.A., Madrid, 2008, 196 pp., ISBN 84-7882-638-6.

Esta obra é parte do projecto de investigação “Estudio sobre la transmisión, conservación y difusión del legado clásico en el Medievo hispánico (siglos XIII-XV)” financiado pela Direcção Geral de Investigação. Apresenta uma primeira parte introdutória (p. 13-75), em que se dá conta da evolução do conceito de morte para o homem e a sua relação com as concepções da vida no Além. Aqui são explorados o contexto histórico e o espiritual propiciadores do aparecimento da tipologia de textos das *Artes Moriendi* (1-2). Cabe ainda, nesta parte introdutória, uma análise do género literário, sua história e características fundamentais, seu desenvolvimento e manifestações; e uma exploração das relações genéticas e recíprocas influências estabelecidas entre as principais manifestações do género (3-4). Por fim, ainda nesta parte introdutória, é realizada uma análise mais técnica e minuciosa do texto principal que motivou o estudo (5-6), a *Ars Moriendi*, aqui provada ser uma versão curta do *Tractatus Artis Bene Moriendi* ou *Speculum Artis Bene Moriendi* (como a comparação dos textos o deixa

manifesto (p. 32-42)) obra de um autor anónimo, provavelmente frade de uma ordem mendicante, dominicano ou franciscano, que, inspirado pelo protótipo desta tipologia, o Tratado de Juan Gerson *De Scientia Mortis* (1400-1404), e sob os auspícios do Concílio de Constanza (1414-1418) e da resolução do Cisma do Ocidente, teria garantido, para o seu escrito, circunstâncias de uma favorável divulgação pela Europa Cristã. O sucesso e a popularidade deste escrito estão bem manifestos na rápida tradução do texto nas línguas vernáculas (ed. cit. p. 41, Alemão, Holandês, Francês, Castelhana, Catalão, Inglês e Italiano). Assim, os A. apresentam com rigor a história da difusão do texto em Espanha, que resultou na sua tradução em duas das línguas ibéricas, realizações estas que são também alvo de edição neste volume. Existem dois exemplares da *editio princeps* xilográfica da *Ars Moriendi*, datada de 1450, um depositado no British Museum, outro integrado na Biblioteca Colombina de Sevilha. Em Castelhana, surgem duas versões, a primeira por Pablo Hurus e por Juan Planck, entre 1479 e 1483, publicada em Saragoça; a segunda por Juan Hurus entre 1488 e 1493, também de Saragoça. Em Catalão, surge em Valência em 1497 e, em Barcelona, por Gabriel Pou, em 1507. Nos caps 7 e 8 os A. apresentam a difusão das *Artes Moriendi* em Espanha, questionam a sua influência nas *Coplas* do poeta castelhano Jorge Manrique (falecido em 1479), tida como certa pelos estudiosos anteriores. Concluem os A. que Jorge Manrique, ainda que se apoie na mais antiga tradição cristã sobre a morte, e, nestas circunstâncias, repita um vocabulário e um fraseado que é, ele próprio, anterior ao aparecimento *stricto sensu* das *Artes Moriendi* (Juan de Gerson, 1400), apresenta uma sensibilidade “mais moderna, mais humana, mais renascentista...” (p. 61). Não nos parece inteiramente justificado o motivo deste “inciso”, ou, se quisermos, do destaque concedido ao poeta Jorge Manrique, enquanto exemplo de recepção das *Artes Moriendi*, latinas ou vernáculas, na literatura espanhola, posto que tão só a diferença de género literário e de identidade do autor talvez tivesse sido suficiente para transfigurar o presumível texto de partida no de recepção. Por outras palavras: não poderia ter Jorge Manrique, na sua formação, conhecido as *Artes Moriendi*, e tê-las conscientemente tornado material de interpretação, mais do que de “inspiração directa”? Não conhecemos a resposta, mas uma certa coerência convidaria os A. a uma de duas posições: ou Jorge Manrique se destaca como um receptor explícito da *Ars Moriendi*, e merece um tratamento específico no volume, ou partilha ele de um ar do tempo propício ao tema e, nessas circunstâncias, faria sentido destacar também outros exemplos epigonais, em vernáculo ou

em Latim, dedicados ao tema. E eles foram produzidos em Espanha, até bem tarde: por exemplo, a *Arte de Bien Morir* escrita pelo Geral dos Carmelitas Descalços Juan de Jesus María (1564-1615), traduzida pelo Dominicano Jerónimo de S. José; ou ainda, já em vernáculo, o Beneditino António Alvarado (1561-1617), com a *Arte de Bem Morir y Guia del Camiño de la Muerte*. Por outras palavras, a questão da intertextualidade e da partilha de um temário comum, obsessivo e popular pelas razões que os A. tão bem enunciam, a ser abordada, mereceria um tratamento ao nível da história do género que os A. nos ficam, de algum modo, a dever.

Os A. apresentam uma bibliografia (pp. 65-78) extensa, porventura concentrada nos aspectos históricos e ideológicos e menos na questão literária ou na problemática filológica em si. Não deixa esta lista, contudo, de ser um excelente apoio para todos os que querem inteirar-se sobre o tema da morte no termo da Idade Média e suas implicações para a história do pensamento e da expressão artística.

De inegável interesse, nesta introdução e no volume em geral, é o destaque concedido às gravuras, onze xilogravuras que acompanham o texto latino da versão curta, convertendo-se este numa espécie de legenda da imagem. Dado que as gravuras se mantêm idênticas nas traduções em Castelhana, será caso para perguntar qual é, de facto, o texto principal buscado pelo potencial receptor, se o escrito, se o contemplado. Nós, enquanto leitores (ed. pp. 90-156), não soubemos responder. São ilustrações de imensa riqueza, acompanhadas de legendas inclusas, em discurso directo ou interpretação sumária do passo, a acompanhar uma caixa de texto que é, de si, resumida segundo propósitos didácticos, numa antecipação clara da banda desenhada.

A presença das gravuras teria contribuído em muito para a divulgação destas obras, cuja popularidade, transversal à sociedade medieval, está justamente atestada pela intensidade da comunicação literária aqui presente: quase imediata tradução nas línguas vivas, quantidade de exemplares em circulação, público com privilegiado interesse nestas obras, a saber, as ordens monásticas mendicantes, a quem cabia a cura dos corpos e das almas neste fim da Idade Média. Assim, o tema da “boa morte” é transversal a várias artes (cf. a pintura, a gravura, a literatura, a música) e assume-se, na sua versão *Ars* ou *Speculum*, como eminentemente didáctico. Dirigida ao público vasto, cristão, a imagem é instrumento em favor da aprendizagem.

A edição propriamente dita, do texto latino e traduções nas línguas hispânicas (pp. 81-156), apresenta os onze capítulos, ou quadros (conforme

destaquemos o texto ou a imagem), segundo um esquema que em tudo torna simpática a leitura e a comparação entre os testemunhos (pp. 78-79): critérios de edição, indicação das fontes (*Siglas*, com as duas edições xilográficas e os cinco manuscritos do texto latino; as duas edições dos textos em romance, uma procedente da Biblioteca de São Lourenço do Escorial; a outra, do exemplar em catalão, procedente da Biblioteca da Catalunha); a que se segue, por norma, a gravura, a edição crítica latina, em folha corrida e aparato em rodapé; a gravura das edições em vernáculo (de traço mais grosseiro) e, em duas caixas verticais, a par na mesma folha, a versão castelhana e catalã. Como já tínhamos prenunciado no apontamento que fizemos à bibliografia, a informação filológica específica que, em muito valorizaria as edições apresentadas, é muito sumária ou inexistente: não há informação acerca da história, características e hierarquização das fontes usadas, não se apresenta um *stemma codicum*, a edição do texto não se faz acompanhar pela indicação das linhas, sendo as remissões para os aparatos produzidas por notas de rodapé (alfabéticas para as fontes literárias do texto latino, numéricas para as variantes críticas). Assim, não temos nota quanto à interpretação das informações fornecidas pelo aparato crítico positivo. Em Apêndice (pp. 159-166) é facultada a edição do *De Scientia Mortis* de Juan de Gerson e sua tradução castelhana, e os *Indices* de termos latinos e respectivas traduções em castelhano e em catalão; de nomes próprios; e um menos comum índice de “Terminos Latinos no traducidos”, recolha que, segundo explicação do autor, agrupa os termos latinos que desapareceram, foram traduzidos por perífrases, ou foram substituídos por termos da mesma etimologia mas pertencentes a outra classe; e um muito breve índice de termos latinos inalterados nas versões castelhana e catalã.

Em conclusão, este volume apresenta como principais virtudes uma introdução clara e objectiva sobre o tema das *Artes Moriendi* e, em particular, sobre o contexto histórico e religioso do seu aparecimento; uma edição cuidadosa e confortável do texto latino e respectivas traduções modernas; a reprodução das gravuras, que nesta tipologia textual são mais do que mero complemento; a partir dos índices finais, um ponto de partida para o estudo da língua e, em particular, dos mecanismos de tradução (assunto que os A. exploram no cap. 6, com uma análise retórica e estilística das traduções modernas). Sobressai menos por alguma superficialidade no tratamento específico da reconstituição textual e tratamento filológico, particularmente no caso das versões latinas.

Saliente-se, ainda, em primeiro lugar, como motivo de interesse acrescentado para o leitor, a pervivência de um tema ascético desde as origens do cristianismo, até aos alvares da Idade Moderna aqui aflorados neste volume, que é precisamente o do combate espiritual entre o mal e o bem, de que o homem é protagonista e, ao mesmo tempo, objecto. Assim, o “passamento” do moribundo repete e concentra num ponto dramático o discernimento e combate que devia ser conduzido pelos monges, e pelo cristão em geral, ao longo da sua vida, numa vigilância atenta sobre os pecados do desespero e da impaciência (gerados pelo amolecimento da fé), da vã glória, da soberba, da avareza. Em segundo lugar, destaque-se a enorme difusão do tema, o seu carácter transversal a várias artes e a sua difusão para fora dos estritos ambientes consagrados, numa recepção que nos parece claramente diferenciada, como a diferença entre as gravuras que acompanham a versão latina e as que acompanham as versões modernas denunciam, estas destinadas a uma circulação mais vulgar. O carácter didáctico específico destas *Artes Moriendi* como manual de uso para religiosos especialmente dedicados ao cuidado pastoral e à unção dos enfermos explica a sua difusão na língua latina, mas o aparecimento e difusão de versões em vernáculo podem ser espelho do real interesse dos leigos sobre uma matéria tão sensível e dramática como era a morada da alma entre a morte e o Juízo Final, decidida agora nos derradeiros momentos de vida.

PAULA BARATA DIAS

GORGES, Jean-Gérard / ENCARNAÇÃO, José d' / NOGALES BASARRATE, Trinidad / CARVALHO, António (eds), *Lusitânia Romana entre o Mito e a Realidade. Actas da VI Mesa-Redonda Internacional sobre a Lusitânia Romana*, Câmara Municipal de Cascais, Cascais, 2009, 520 páginas, ilustrado. ISBN 978-972-637-207-3.

O volume agora publicado reúne as comunicações apresentadas no decurso da Mesa-Redonda que teve lugar em Cascais no ano de 2004, a sexta de uma série iniciada em Bordéus em 1988, organizada então pelo desaparecido Centre Pierre Paris e com o apoio da Maison des Pays Ibériques. Interessado, desde o início, neste projecto internacional¹, foi naturalmente

¹ J.-G. Gorges, *Avant-propos*, in J.-G. Gorges (ed.), *Les villes de Lusitanie romaine. Hiérarchies et territoires*, Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique, Paris, 1990, pp.5-8.